

ROTEIRO PARA O PROFESSOR

Caro professor,

Além da edição dos textos integrais de algumas das melhores e mais reconhecidas obras das literaturas brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** oferecem a você, amplo material de apoio didático para o trabalho em sala de aula.

Cada obra traz em seu corpo o seguinte conteúdo:

- **Texto integral;**
- **Diários de um Clássico;**
- **Contextualização Histórica;**
- **Entrevista Imaginária.**

Além disso, o leitor recebe, encartado no exemplar:

- **Suplemento de Atividades.**

E, você, professor, em seu exemplar ofertado, encontra ainda:

- **Suplemento de Atividades com respostas e orientações;**
- **Projeto Leitura e Didatização.**

O PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO é um material didático bastante consistente, configurando um grande diferencial para os **CLÁSSICOS SARAIVA**.

A seguir, relacionamos e definimos cada uma dessas seções:

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO

Após a leitura, o aluno mergulha nos DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO, que oferecem um roteiro pormenorizado de algumas abordagens possíveis para cada livro.

- **Por Dentro da Obra:** Uma abordagem inusitada da obra.
- **Na Intimidade do Autor:** Aspectos da vida do autor.
- **Navegando pelo Contexto Literário:** Sua obra no panorama literário da época.

- **Passeando pela Cidade:** Cenas da cidade do escritor.
- **Conhecendo a Obra:** Análise de alguns pontos estruturais da obra, como:

- Narrador;
- Personagens;
- Foco narrativo;
- Estrutura;
- Espaço;
- Linguagem;
- Outras questões específicas da obra.
- **Expressões Artísticas:** Adaptação da obra por outras artes.
- **Obras:** Lista de todas as obras do autor.

284

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Painel de textos selecionados que dizem respeito a algumas características de estilo da obra, e também ao seu contexto histórico e artístico, ajudando a construir um panorama da época e do ambiente cultural, histórico e literário em que o autor viveu.

ENTREVISTA IMAGINÁRIA

Simulação de uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida, com perguntas e respostas imaginadas.

SUPLEMENTO DE ATIVIDADES

Encarte com atividades para o aluno responder, dividido nos seguintes tópicos:

- **Uma Obra Clássica:** Atividades sobre a obra e seu valor literário.
- **A Narrativa:** Atividades sobre a história.
- **O Narrador:** Atividades sobre o tipo de narrador e sobre o foco narrativo.

- **Personagens:** Atividades sobre o protagonista e outros personagens de destaque.
- **Intertextualidade:** Atividades sobre possíveis relações da obra com outros gêneros de texto.
- **Contextualização Histórica:** Atividades enfocando os trechos selecionados na seção específica do livro.
- **A Nova do Cadáver – A sua Entrevista Imaginária:** Atividade de produção de texto na qual o aluno simula a sua própria entrevista com o autor.

PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO

É uma proposta dialógica para o trabalho com literatura, desenvolvida com base em pressupostos oferecidos pelo professor William Cereja. São traçados possíveis dialogismos entre a obra lida e outras obras afins, sejam elas da literatura brasileira ou estrangeira, contemporâneas ou não.

No PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO, você, professor, encontra uma série de questões e orientações de modo a garantir o desenvolvimento de habilidades de leitura e contribuir para uma reflexão sobre a literatura e a cultura em momentos diversos, proporcionando situações de intenso trabalho e prazer de aprender em sala de aula.

Esse projeto é apresentado mais adiante, para você, professor, de forma completa, com orientações e respostas das atividades. Para o aluno, o PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO está disponível no *site* dos **CLÁSSICOS SARAIVA**.
(www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva)



PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO

Caro professor,

O PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO é uma proposta alternativa de ensino de literatura, baseada nos pressupostos apresentados por William Cereja em seu Ensino de Literatura – Uma proposta dialógica para o trabalho com literatura (Atual, 2005). Neste Projeto, atividades de leitura de textos literários e não literários são formuladas para o aluno, acompanhadas de discussões e justificativas teórico-metodológicas que permitem a você, professor, compreender não apenas por que fazer diferente o ensino da literatura, mas também como fazer.

Este Projeto didatiza e organiza uma proposta dialógica de ensino de literatura, de forma que se possa garantir o desenvolvimento de habilidades de leitura e contribuir para uma reflexão sobre a literatura e a cultura em momentos diversos.

Um curso de literatura não se constrói apenas com atividades específicas de leitura, mas também com uma série de outras interações, mediadas por textos literários e não literários, por textos didático-expositivos, por linguagens verbais e não verbais etc. Assim, as atividades apresentadas a seguir apenas indicam um ponto de partida para uma abordagem dialógica da literatura.

Apresentamos respostas previstas para as questões, a fim de que possam ser avaliadas por completo, para que seja possível verificar sua pertinência e as habilidades de leitura demandadas em cada uma delas.

O Projeto da obra O Mulato foi desenvolvido por **VICENTE LUÍS DE CASTRO PEREIRA**, formado em Letras (Português/Linguística) pela USP, professor de Língua Portuguesa da rede

particular de ensino em São Paulo e atual pesquisador das relações culturais entre Brasil e Portugal no século XIX.

Mas lembre-se:

1. Este Projeto é abrangente e não precisa, necessariamente, ser trabalhado de forma integral. Componha-o dentro de seu plano de aula, conforme seus interesses e as necessidades de seus alunos, explorando uma, duas ou mais leituras.
2. O texto integral do PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO de cada obra dos **CLÁSSICOS SARAIVA** está disponível no site www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva. Lá, você, professor, e/ou o aluno poderão copiar o Projeto, sem as orientações e sem respostas previstas, naturalmente.

Bom trabalho!

PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO

O MULATO **ALUÍSIO AZEVEDO**

Possíveis dialogismos trabalhados neste Projeto:

1. A presença do negro na literatura brasileira (Leitura 1)
 - I. Aluísio Azevedo e a genealogia do protagonista Raimundo
 - II. Os escravos na poesia de Castro Alves
 - III. A prosa de ficção antiescravista de Bernardo Guimarães
 - IV. Lima Barreto e as chagas do preconceito

2. A prosa naturalista no Brasil (Leitura 2)
 - I. Aluísio Azevedo e a caracterização naturalista de Ana Rosa
 - II. O poder de atração do *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha

3. Análise e crítica sociais: a Igreja e seus representantes nas literaturas de língua portuguesa (Leitura 3)
 - I. Apresentação do Cônego Diogo como vilão de *O mulato*
 - II. Loredano: um frade maligno em *O guarani*, de José de Alencar
 - III. As tentações de um missionário em *Inglês* de Souza
 - IV. O anticlericalismo em *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós

289

LEITURA 1

A PRESENÇA DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

Esta primeira proposta de trabalho toma por base um trecho extraído do romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo, com o objetivo de propor uma reflexão acerca da representação de personagens negros na literatura brasileira. No fragmento selecionado, o sofrimento da mãe do protagonista é explicitado por meio da descrição dos castigos impostos aos escravos no Brasil do século XIX. Voltando no tempo, esta seção procura estabelecer uma análise dialógica com um texto representativo da poesia social de Castro Alves, bem como com um trecho representativo da prosa de ficção do romancista Bernardo Guimarães. Finalmente, optou-se pela seleção de um texto de Lima Barreto que permite verificar a continuidade, no âmbito da literatura brasileira pós-naturalista, das reflexões sobre o tratamento conferido aos negros no Brasil. A presente unidade busca oferecer recursos para uma discussão interdisciplinar acerca das condições de vida da população negra brasileira, ao longo da história, a partir da análise de textos exemplares da literatura nacional.

PROFESSOR, a primeira proposta de trabalho envolvendo o romance O mulato, de Aluísio Azevedo, procura estimular um trabalho em sala de aula que envolva as demais disciplinas da área de humanidades. Dessa forma, os textos literários tornam-se pontos de partida para atividades de análise textual, mas também para discussões relacionadas à situação do negro em diferentes regiões do Brasil e em épocas diversas. O texto de base – pertencente ao período naturalista – pode ser relacionado a obras produzidas anteriormente – no período romântico –, mas também a textos que o sucedem na história literária nacional. Tal abordagem transcende a visão tradicional e estanque dos movimentos literários, ao partir da análise de um eixo temático específico e ao propor uma análise dialógica que coloca os textos literários em primeiro plano. Seria interessante, finalmente, estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, contrastando o retrato das condições de vida dos negros no Brasil – depreendido dos fragmentos selecionados – com a situação atual vivida pela população afrodescendente no país.

TEXTO 1

Depois de vários abortos, Domingas deu à luz um filho de José da Silva. Chamou-se o vigário da freguesia e, no ato do batismo da criança, esta, como a mãe, receberam solenemente a carta de alforria. Essa criança era Raimundo.

[...] José prosperou rapidamente no Rosário; cercou a amante e o filho de cuidados; relacionou-se com a vizinhança; criou amizades, e, no fim de pouco tempo, recebia em casamento a senhora dona Quitéria Inocência de Freitas Santiago, viúva, brasileira, rica, de muita religião e escrúpulos de sangue, e para quem um escravo não era um homem, e o fato de não ser branco, constituía só por si um crime.

[...]

José, que sabia perfeitamente de quanto ela era capaz, correu logo à vila para dar as providências necessárias à segurança do filho. Mas, ao voltar à fazenda, gritos horrorosos atraíram-no ao rancho dos pretos; entrou descoroçoado e viu o seguinte:

Estendida por terra, com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas para trás, permanecia Domingas, completamente nua e com as partes genitais queimadas a ferro em brasa. Ao lado, o filhinho de três anos, gritava como um possesso, tentando abraçá-la, e, de cada vez que ele se aproximava da mãe, dois negros, a ordem de Quitéria, desviavam o relho das costas da escrava para dardejá-lo contra a criança. A megera, de pé, horrível, bêbada de cólera, ria-se, praguejava obscenidades, uivando nos espasmos flagrantíssimos da cólera. Domingas, quase morta, gemia, estorcendo-se no chão. O desarranjo de suas palavras e dos seus gestos denunciava já sintomas de loucura.

I. ALUÍSIO AZEVEDO E A GENEALOGIA DO PROTAGONISTA RAIMUNDO

1. Após ler atentamente o fragmento anterior, extraído do romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo, responda às seguintes questões:

a) O texto apresenta a genealogia de Raimundo, protagonista do romance. É possível afirmar que seus pais pertenciam a diferentes segmentos da sociedade? Justifique sua resposta.

Sim. Raimundo é filho do português José da Silva e da escrava africana Domingas. O pertencimento dos personagens a diferentes estratos sociais fica explícito no momento em que o português se casa oficialmente com uma mulher branca. O protagonista do romance carregará consigo o estigma relacionado à miscigenação étnica. Apesar de haver estudado na Europa, Raimundo enfrenta a discriminação dos membros de uma sociedade provinciana e se depara com o preconceito relacionado à ascendência familiar.

b) Como era o tratamento que dona Quitéria, esposa de José da Silva, conferia aos escravos em geral?

Dona Quitéria é apresentada como uma mulher extremamente cruel e preconceituosa. Se, por um lado, era uma devota praticante da religião cristã, por outro lado tratava todos os escravos de forma desumana. O ápice da crueldade de dona Quitéria é revelado por meio da descrição dos castigos impostos à escrava Domingas.

c) Qual o motivo do castigo aplicado por dona Quitéria à escrava Domingas?

Dona Quitéria sentia ciúme do relacionamento existente entre seu marido e a escrava Domingas. Como forma de punição, a megera submete a cativa a uma tortura cruel, descrita pelo narrador segundo os moldes naturalistas. A presença de Raimundo, ainda criança, assistindo aos sofrimentos da mãe, reforça o sadismo característico de dona Quitéria.

d) O trecho apresentado pode ser considerado uma forma de denúncia ao sistema escravista? Justifique sua resposta.

Sim. O fragmento exemplifica o caráter de denúncia e crítica sociais presente ao longo de todo o romance. Aluísio Azevedo escancarou o preconceito existente na sociedade maranhense de seu tempo, retratando o sofrimento e a humilhação de que eram vítimas os escravos africanos trazidos para o Brasil.

TEXTO 2

A CANÇÃO DO AFRICANO

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!
Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!
[...]

292

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.
E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

ALVES, Castro. *Obra completa*.
Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.

II. OS ESCRAVOS NA POESIA DE CASTRO ALVES

2. Leia com atenção o poema de Castro Alves e responda às questões propostas abaixo:

a) Em que espaço o poema é ambientado? Que personagens estão presentes na cena apresentada?

A cena retratada no poema se passa no interior de uma senzala. O

espaço é caracterizado como úmido e estreito, de maneira a reforçar a denúncia contra o tratamento conferido aos escravos no Brasil. Estão presentes no local dois escravos – um homem e uma mulher que entoam uma cantiga –, bem como uma criança negra adormecida.

b) Tomando por base a canção entoada pelos escravos, como pode ser definida a relação que os degredados africanos mantinham, por um lado, com as terras brasileiras e, por outro, com as terras africanas?

No poema, os personagens choram de saudade da terra natal distante. Apesar de acharem as terras brasileiras mais belas, é ao continente africano que querem bem. As longínquas terras da África representam a liberdade, enquanto a vida no Brasil mostra-se marcada pela servidão e pelo sofrimento. O contraste entre as duas regiões está a serviço do projeto de denúncia social defendido pelo condoreirismo romântico.

c) Em que momento do dia se passa a cena apresentada no poema? Que elementos presentes no texto permitem perceber o sofrimento e a humilhação característicos do trabalho escravo?

O poema retrata a noite na senzala e o cansaço físico dos escravos que, ao longo do dia, foram submetidos a trabalhos pesados. A rotina sofrida fica explícita no momento em que os escravos se recolhem para dormir, antes que chegue mais um dia difícil. Faz-se também menção às surras levadas pelos escravos que, na visão do senhor, não cumpriam com o dever.

293

d) Como podem ser caracterizados os cuidados demonstrados pela escrava em relação ao filho pequeno? Em que medida a representação da família escrava se assemelha à cena de *O mulato* reproduzida na primeira questão?

*A escrava manifesta carinho por seu filho ao beijá-lo antes de dormir. O seu maior medo é a vinda inesperada do patrão durante a noite e um possível rapto da criança. A presença da criança neste poema acentua a manutenção do sistema escravista ao longo do tempo. Trata-se de um estigma que se perpetua ao longo das gerações, tal como também pode ser verificado em *O mulato*, na medida em que o personagem Raimundo é hostilizado por ser filho de uma escrava.*

TEXTO 3 A CANÇÃO DO AFRICANO

Malvina aproximou-se de manso e sem ser pressentida para junto da cantora, colocando-se por detrás dela esperou que terminasse a última copla.

– Isaura!... – disse ela pousando de leve a delicada mãozinha sobre o ombro da cantora.

– Ah! É a senhora?! – respondeu Isaura voltando-se sobressaltada.

– Não sabia que estava aí me escutando.

– Pois que tem isso?... continua a cantar... tens a voz tão bonita!... mas eu antes quisera que cantasses outra coisa; por que é que você gosta tanto dessa cantiga tão triste, que você aprendeu não sei onde?...

[...]

– Porque me faz lembrar de minha mãe, que eu não conheci, coitada!... Mas se a senhora não gosta dessa cantiga, não a cantarei mais.

– Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas que eu conheço. És formosa, e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano. Bem sabes quanto minha boa sogra antes de expirar te recomendava a mim e a meu marido. Hei de respeitar sempre as recomendações daquela santa mulher, e tu bem vês, sou mais tua amiga do que tua senhora. [...]

– Mas, senhora, apesar de tudo isso, que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... são trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

– Queixas-te da tua sorte, Isaura?...

– Eu não, senhora; não tenho motivo... o que quero dizer com isto é que, apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, sei conhecer o meu lugar.

294

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*.

São Paulo: Saraiva, 2009. (Coleção Clássicos Saraiva).

III. A PROSA DE FICÇÃO ANTIESCRAVISTA DE BERNARDO GUIMARÃES

3. O excerto acima foi extraído do capítulo de abertura do famoso romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães. Após a leitura do fragmento, responda às questões a seguir:

a) De acordo com o texto, Isaura recebe de Malvina um tratamento semelhante ao que os escravos costumavam receber de seus senhores? Justifique sua resposta.

Não. Em razão de uma promessa feita à sogra, Malvina e o marido cuidaram da escrava Isaura de forma especial. Deram-lhe educação e um tratamento muito diferente daquele conferido aos escravos em geral. Isaura é uma escrava branca e seus talentos são valorizados pela patroa, que a trata como a uma filha.

b) Os lamentos de Isaura demonstram que a personagem havia superado placidamente os sofrimentos advindos de sua condição social? Justifique sua resposta com elementos do texto.

A cantiga de Isaura apresenta uma melancolia ligada à falta que a escrava sentia de sua verdadeira mãe. Apesar da educação e do luxo recebidos, a moça continua a sentir o estigma decorrente de sua condição de descendente de escravos africanos. Como a própria personagem sugere, ela ainda está socialmente inserida no ambiente da senzala.

c) É possível perceber, nesse fragmento, uma crítica ao sistema escravista brasileiro por parte do autor? Explique.

Sim. Nessa cena faz-se menção às humilhações sofridas pelos escravos vítimas de “senhores bárbaros e cruéis”. O próprio tratamento de exceção conferido a Isaura serve para reforçar a real situação vivida pelos escravos no Brasil. O romance de Bernardo Guimarães denuncia a crueldade com que os negros eram habitualmente tratados.

d) Que diferenças existem entre o tratamento conferido por Malvina a Isaura, no romance de Bernardo Guimarães, e o tratamento legado por dona Quitéria a Domingas, no romance de Aluísio Azevedo?

Em A escrava Isaura, Malvina mostra-se afável e protetora em relação à escrava branca. Em O mulato, por outro lado, dona Quitéria representa os senhores de escravos que tratavam os negros com crueldade e preconceito. Ambas as obras retratam a problemática da escravidão no Brasil – o romance de Bernardo Guimarães é permeado pelo idealismo romântico; o romance de Aluísio Azevedo apresenta a realidade com traços naturalistas.

295

TEXTO 4

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. Bem fazia adivinhar isso, seu padrinho! Coitado!...

A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente... O bonde vinha cheio. Olhou todos aqueles homens e mulheres... Não haveria um talvez, entre toda aquela gente de ambos os sexos, que não fosse indiferente à sua desgraça... Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! O que era preciso, tanto a ela

como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade, como possuía essa varonil Dona Margarida, para se defender de Cassis e semelhantes, e bater-se contra todos os que se opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente. Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam...

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*.
São Paulo: Ática, 1998.

IV. LIMA BARRETO E AS CHAGAS DO PRECONCEITO

4. O fragmento acima foi extraído do capítulo final da obra *Clara dos Anjos*, do escritor brasileiro Lima Barreto. Após ter sido iludida por um rapaz branco, a menina Clara engravida e é humilhada pela mãe do moço. O trecho selecionado apresenta as reflexões de Clara acerca de sua condição, durante o retorno para casa, após ter sido ofendida. Com base na leitura do excerto, responda:

a) O sofrimento de Clara dos Anjos serve como ponto de partida para uma reflexão sobre a situação social dos negros no Brasil. A que conclusão Clara chega após ter ouvido as ofensas da mãe do rapaz?

A jovem Clara dos Anjos toma consciência de sua condição na sociedade, após haver sido vítima real de uma situação de preconceito. Tendo sido humilhada pela mãe do rapaz que a desonrou, Clara se sente inferior em relação às demais pessoas. A psicologia da personalidade é explorada de modo a denunciar as terríveis realidades da exclusão social e da segregação étnica.

b) De que modo a observação das pessoas no interior do bonde reforça o pensamento inicial de Clara dos Anjos?

Clara reflete sobre as desigualdades sociais, atentando para o fato de que, no bonde, ninguém era alheio à sua condição de descendente de escravos africanos. Sua família também ocupava uma posição social pouco valorizada. Finalmente, Clara constata sua fragilidade e toma consciência de sua condição marginal na sociedade.

c) A história de Clara dos Anjos se passa anos depois da abolição da escravatura. A partir da leitura do fragmento, é possível afirmar que, naquela época, a forma com que os afrodescendentes eram tratados no país havia mudado? Justifique sua resposta.

Não. A população negra era ainda vítima do preconceito étnico e continuava a ocupar um lugar marginal no interior da sociedade. Clara dos Anjos é iludida e desonrada por um rapaz branco, de maneira muito similar ao modo como as escravas africanas eram subjugadas aos caprichos de seus senhores.

d) De que maneira o texto de Lima Barreto se relaciona aos textos literários brasileiros do século XIX que trataram da situação dos negros no Brasil?

Lima Barreto denuncia igualmente as diferenças sociais e o tratamento preconceituoso conferido aos negros no Brasil, mesmo após a abolição da escravatura. A obra Clara dos Anjos se insere na linhagem de textos que tratam das condições de vida da população negra no país e pode ser encarada como documento para a compreensão da realidade brasileira nos primeiros tempos da República.

LEITURA 2

A PROSA NATURALISTA NO BRASIL

Esta segunda proposta de leitura tem como objetivo identificar os traços característicos do estilo da prosa naturalista, tomando como objeto de estudo dois fragmentos de romances brasileiros. O ponto de partida é um fragmento de *O mulato*, de Aluísio Azevedo, que permite a verificação de elementos característicos da estética literária em questão. Em seguida, propõe-se a análise de um excerto do romance *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha. A análise dialógica desses textos naturalistas possibilita que sejam compreendidos, a partir da prática de análise literária, os principais aspectos inovadores defendidos, no século XIX, pelos autores que seguiam a estética em questão. A possibilidade de caracterização de um movimento literário torna-se, dessa forma, um recurso adicional para a leitura aprofundada dos textos produzidos em um determinado período – e não uma simples rotulação baseada em nomes, datas e traços definidores. Esta é uma oportunidade de colocar a leitura dos textos literários – e o prazer que advém dessa atividade – em primeiro lugar na sala de aula.

PROFESSOR, esta unidade tem como objetivo auxiliar o trabalho de apresentação da estética naturalista aos alunos do Ensino Médio. Partindo da leitura atenta de fragmentos selecionados da produção de autores representativos do período em questão, seria interessante verificar os traços estilísticos comuns presentes nos trechos escolhidos, bem como as diferenças mantidas em relação aos textos românticos (tendo sido estes estudados anteriormente em sala de aula). Conceituando estilo como um modo de presença do sujeito enunciador – ou de um conjunto de autores pertencentes a uma determinada época – que pode ser apreendido da materialidade dos textos, identificam-se, nos textos literários brasileiros apresentados a seguir, marcas próprias do programa estético defendido pelos escritores naturalistas do século XIX. Notem-se, por exemplo, as relações de proximidade mantidas: (a) en-

tre o olhar do artista que observa a sociedade e o olhar do cientista que analisa a realidade; (b) entre o experimentalismo característico da prosa do escritor naturalista – que descreve as ações instintivas dos personagens e os aspectos fisiológicos do corpo humano – e a linguagem meticulosa e descritiva do cientista natural. É interessante motivar a percepção dos alunos para a intencionalidade de composição dessas obras, bem como para a formação de uma tradição literária fundada em um projeto artístico específico.

TEXTO 5

Feitos os quinze anos, ela começou pouco e pouco a descobrir em si estranhas mudanças; percebeu, sentiu que uma transformação importante se operava no seu espírito e no seu corpo: sobressaltavam-na terrores infundados; acometiam-na tristezas sem motivo justificável. Um dia, afinal, acordou mais preocupada; assentou-se na rede, a cismar. E, com surpresa, reparou que seus membros ultimamente se tinham arredondado; notou que em todo seu corpo a linha curva suplantara a reta e que as suas formas eram já completamente de mulher.

[...]

Com esses devaneios, acudia-lhe sempre um arrepiozinho de febre; ficava excitada, idealizando um homem forte, corajoso, com um bonito talento, e capaz de matar-se por ela. E, nos seus sonhos agitados, debuxava-se um vulto confuso, mas encantador, que galgava precipícios, para chegar onde ela estava e merecer-lhe a ventura de um sorriso, uma doce esperança de casamento. E sonhava o noivado: um banquete esplêndido! E junto dela, ao alcance de seus lábios, um mancebo apaixonado e formoso, um conjunto de força, graça e ternura, que a seus pés ardia de impaciência e devorava-a com o olhar em fogo.

[...]

Mas o noivo, por onde andava que não vinha? Esse belo mancebo, tão ardente e tão apaixonado, por que se não apresentava logo? Dos homens que Ana Rosa conhecia na província nenhum decerto podia ser!... E, no entanto, ela amava...

A quem? Não sabia dizê-lo, mas amava. Sim! Fosse a quem fosse, ela amava; porque sentia vibrar-lhe todo o corpo, fibra por fibra, pensando nesse *alguém* íntimo e desconhecido para ela; esse *alguém* que não vinha e não lhe saía do pensamento, esse *alguém* cuja ausência a fazia infeliz e lhe enchia a existência de lágrimas.

AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*.

São Paulo: Saraiva, 2010. (Coleção Clássicos Saraiva). p. 19-21.

I. ALUÍSIO AZEVEDO E A CARACTERIZAÇÃO NATURALISTA DE ANA ROSA

1. Após ler atentamente a descrição física e psicológica de Ana Rosa, protagonista do romance *O mulato*, responda às questões a seguir:

a) O narrador apresenta as transformações pelas quais o corpo da protagonista passou ao entrar na adolescência. Aponte elementos que permitam caracterizar como naturalista a descrição física da personagem.

O narrador descreve as transformações pelas quais passaram a mente e o corpo de Ana Rosa. Apresentam-se oscilações de humor, mas também uma série de mudanças físicas, tais como o arredondamento das formas. A agitação e a febre são elementos evocados para sugerir a inquietação interior da personagem. O narrador procede a uma caracterização naturalista da personagem e explora os aspectos fisiológicos com uma linguagem objetiva que se relaciona ao olhar detalhado de um cientista para o seu objeto de estudo.

b) É possível afirmar que, por um lado, o narrador descreve fisicamente Ana Rosa de maneira naturalista, mas, por outro lado, apresenta o imaginário da personagem como sendo extremamente romântico? Explique.

Sim. A descrição física da personagem segue os moldes da caracterização naturalista. No entanto, por mais que o imaginário da jovem seja permeado de sensualidade, seus sonhos com um homem perfeito ainda são marcados por um idealismo romântico que evoca modelos de perfeição e virtude.

c) Em que medida a caracterização do rapaz que habita os sonhos de Ana Rosa apresenta também alguns traços naturalistas?

O rapaz idealizado por Ana Rosa a contempla com um olhar carregado de sensualidade. Mesmo apresentando os contornos indefinidos, este homem é caracterizado concretamente como um jovem capaz de sentir desejos – afastando-se dos ideais de completa pureza e inocência que definiam os heróis românticos.

d) A descrição feita pelo narrador está mais próxima dos ideais estéticos defendidos pelo movimento romântico ou pelo movimento naturalista? Justifique sua resposta.

O traço de sensualidade presente na configuração do homem idealizado por Ana Rosa assinala o caráter naturalista do texto, na medida em que rompe com o idealismo ingênuo, puro e espiritualizado das descrições românticas. Note-se que a apresentação física e psicológica

da jovem é igualmente marcada pela exploração objetiva de elementos ligados à sexualidade, sem haver preocupação em ocultar dados relacionados à fisiologia humana.

TEXTO 6

O próprio comandante já sabia daquela amizade escandalosa com o pequeno.

Fingia-se indiferente, como se nada soubesse, mas conhecia-se-lhe no olhar certa prevenção de quem deseja surpreender em flagrante...

Os oficiais comentavam baixinho o fato e muita vez riam maliciosamente na praça d'armas entre copos de limonada.

Tudo isso, porém, não passava de suspeitas, e Bom Crioulo, com o seu todo abrutalhado, uma grande pinta de sangue no olho esquerdo, o rosto largo de um prognatismo evidente, não se incomodava com o juízo dos outros. — Não lho dissessem na cara, porque então o negócio era feio... A chibata fizera-se para o marinheiro: apanhava até morrer, como um animal teimoso, mas havia de mostrar o que é ser homem!

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante coisa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um ímã.

CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*.
São Paulo: Ática, 1998.

II. O PODER DE ATRAÇÃO DO BOM CRIOULO DE ADOLFO CAMINHA

2. O fragmento acima foi extraído do romance naturalista *Bom Crioulo*, escrito pelo brasileiro Adolfo Caminha. A obra narra um relacionamento homossexual entre dois marinheiros – Amaro (apelidado de “Bom Crioulo”) e o jovem Aleixo. Com base na leitura do excerto, responda às questões propostas a seguir:

a) Como Bom Crioulo reagia às suspeitas dos marinheiros que desconfiavam de seu relacionamento com o grumete Aleixo?

Amaro é apresentado como um homem forte, mas que aparentemente não se incomodava com os rumores acerca de seu relacionamento com o grumete Aleixo. No entanto, caso as suspeitas lhe fossem ditas diretamente, facilmente ele poderia se exaltar e agredir os acusadores.

b) A partir da leitura do texto, como pode ser caracterizado o comportamento dos marinheiros em geral diante da homossexualidade?

De acordo com o texto, a homossexualidade era vista pelos marinheiros de forma preconceituosa, gerando rumores e desconfiança. A ambientação do romance no universo da marinha permite que se desenvolva a reflexão sobre o tratamento conferido aos homossexuais no contexto social da época.

c) A apresentação do envolvimento inicial de Amaro e Aleixo é apresentada nos moldes naturalistas? Justifique sua resposta.

Sim. O relato da aproximação entre Amaro e Aleixo apresenta elementos naturalistas e os instintos naturais são evocados para caracterizar essa relação. A comparação com o envolvimento entre machos e fêmeas evoca os impulsos que permitem a atração entre os animais. Note-se, ainda, que o autor aborda um tema polêmico com o objetivo de analisar os comportamentos da sociedade diante de um assunto considerado tabu.

d) Em que medida o olhar que o narrador de *Bom Crioulo* dirige para os personagens se aproxima do olhar do narrador de *O mulato*?

Ambos os narradores apresentam descrições que exploram os aspectos fisiológicos da natureza humana, tratando os personagens de forma não idealizada. Os instintos naturais, os impulsos sexuais e a análise psicológica dos personagens são elementos típicos da prosa naturalista e se afastam dos moldes românticos idealizados de configuração das personagens romanescas.

LEITURA 3

ANÁLISE E CRÍTICA SOCIAIS: A IGREJA E SEUS REPRESENTANTES NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

A crítica às instituições sociais é uma característica das obras literárias pertencentes ao Realismo/Naturalismo. No primeiro romance naturalista brasileiro – *O mulato*, de Aluísio Azevedo –,

o papel de antagonista é desempenhado por um sacerdote desvirtuado – o Cônego Diogo – que se caracteriza pela hipocrisia, pela luxúria, pelo preconceito e pelo apego aos bens materiais. Na caracterização deste personagem está implícita uma postura anticlerical por parte do autor do romance. A crítica à sociedade do século XIX – que se estende à corrupção das instituições religiosas – é verificável em outros autores do período. Anterior à obra de Aluísio Azevedo, é possível encontrar na figura do sacerdote Loredano – personagem do romance romântico *O guarani*, de José de Alencar – um precursor dos religiosos corrompidos que se opõem aos protagonistas dos textos. Por sua vez, pertencentes ao movimento realista/naturalista, estão Inglês de Souza – aqui representado por um fragmento do romance *O missionário* – e Eça de Queirós – autor do contundente romance *O crime do padre Amaro*. Esta última unidade tem como objetivo explorar o retrato que as literaturas do século XIX fizeram dos grupos sociais, em diferentes momentos, tomando por base as críticas direcionadas aos representantes e às práticas das instituições religiosas.

PROFESSOR, o objetivo desta seção não é a promoção de ataques gratuitos a instituições religiosas, mas a reflexão crítica acerca dos posicionamentos adotados por alguns autores de língua portuguesa no século XIX. É interessante verificar como o retrato dos personagens permite entrever a visão dos escritores acerca da sociedade de seu tempo. A presente análise dialógica propõe, igualmente, o estabelecimento de relações entre as literaturas do Brasil e de Portugal, de modo a promover uma maior integração dos sistemas literários em sala de aula.

302

TEXTO 7

O cônego entrou, devagar, com o seu sorriso discreto e amável.

Era um velho bonito; teria quando menos sessenta anos, porém estava ainda forte e bem conservado; o olhar vivo, o corpo teso, mas ungido de brandura santarrona. Calçava-se com esmero, de polimento; mandava buscar da Europa, para seu uso, meias e colarinhos especiais, e, quando ria, mostrava dentes limpos, todos chumbados a ouro. Tinha os movimentos distintos; mãos brancas e cabelos alvos que fazia gosto.

Diogo era o confidente e o conselheiro do bom e pesado Manuel; este não dava um passo sem consultar o compadre. Formara-se em Coimbra, donde contava maravilhas; um bocadinho rico, e não relaxava o seu passeio a Lisboa, de vez em quando, “para descarregar anos da costa...” explicava ele, a rir.

[...]

Quando os dois entraram, ele foi logo fechando a porta, discretamente, enquanto o outro se esparralhava na cadeira, com um suspiro de cansaço, levantando até ao meio da canela a sua batina lustrosa e de bom talho. [...]

— Sabe quem está a chegar por aí?... — perguntou, afinal, quando viu Manuel já instalado no mocho da secretária.

— Quem?

— O Raimundo!

[...]

O cônego permanecia preocupado pela lembrança da tapera.

— Agora... — acrescentou o outro —, o melhor seria que ele se tivesse feito padre...

O cônego despertou.

— Padre?!

— Era a vontade do José...

— Ora, deixe-se disso! — retrucou Diogo, levantando-se com ímpeto. — Nós já temos por aí muito padre de cor!

[...]

— Ora o quê, homem de Deus! É só “ser padre”! é só “ser padre”! E no fim de contas estão se vendo, as duas por três, superiores mais negros que as nossas cozinheiras! Então isso tem jeito?... O governo — e o cônego inchava as palavras — o governo devia até tomar uma medida séria a esse respeito! Devia proibir aos cabras certos misteres!

— Mas, compadre...

— Que conheçam seu lugar!

E o cônego transformava-se ao calor daquela indignação.

[...] — E mostrava a carta, esmurrando-a: — Pode contar-se logo com um homem inteligente! Deviam ser burros! Burros! Que só prestassem mesmo para nos servir! Malditos!

— Mas, compadre, você desta vez não tem razão...

— Ora o quê, homem de Deus. Não diga asneiras! Pois você queria ver sua filha confessada, casada, por um negro? Você queria, seu Manuel, que a dona Anica beijasse a mão de um filho da Domingas? Se você viesse a ter netos queria que eles apanhassem palmatoadas de um professor mais negro que esta batina? Ora, seu compadre, você às vezes até me parece tolo!

I. APRESENTAÇÃO DO CÔNEGO DIOGO COMO VILÃO DE O MULATO

1. Cônego Diogo, antagonista do romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo, é apresentado pelo narrador por meio da descrição de um conjunto de ações que lhe evidenciam o caráter. Com base na leitura do fragmento reproduzido anteriormente, responda às seguintes questões:

a) Que elementos presentes na caracterização do sacerdote sugerem uma crítica à corrupção das instituições religiosas?

O Cônego Diogo é apresentado como um sacerdote que valoriza muito a aparência e os bens materiais. Dessa forma, o romance retrata a corrupção dos membros do clero que se preocupam mais com o mundo terreno do que com a vida espiritual. O narrador o descreve como um sujeito belo e conservado fisicamente, dotado de uma “brandura santarona”. Sua vestimenta era elegante – os sapatos vinham da Europa, suas meias e colarinhos estavam sempre impecáveis. Dava-se ao luxo de ter dentes de ouro. Seus gestos eram distintos, suas mãos e cabelos estavam sempre muito bem cuidados. O Cônego Diogo valorizava Portugal em detrimento do Brasil. A caracterização psicológica do personagem, no entanto, revela uma personalidade perversa e preconceituosa – tal como pode ser percebido por meio de sua fala e de suas ações.

b) Um traço marcante de Cônego Diogo, que reforça seu papel de antagonista do romance, é o modo preconceituoso com que se refere aos negros. No trecho apresentado, que objeções o sacerdote apresenta em relação ao protagonista Raimundo, sobre o qual conversa com o compadre Manuel?

No trecho apresentado, o Cônego Diogo explicita a discriminação dos negros por meio da crítica indignada que faz ao fato de descendentes de escravos ocuparem papéis de destaque na sociedade. Seu preconceito é revelado ao leitor durante a conversa com o compadre Manuel acerca da chegada de Raimundo. A formação do rapaz na Europa é alvo das vociferações do sacerdote, o qual desejaria que os negros continuassem a ocupar, em sociedade, a condição inferior de escravos. O autor reforça, desse modo, a crítica à instituição religiosa, na medida em que o comportamento do padre entra diretamente em conflito com os valores de igualdade apregoados pelo cristianismo.

c) Que elementos presentes na última fala de Cônego Diogo revelam o preconceito da sociedade maranhense do século XIX?

O Cônego provoca o compadre Manuel e explicita o preconceito da sociedade maranhense do período. Se, inicialmente, Manuel parece defender o direito dos negros em ocupar posições de destaque na sociedade, o Cônego Diogo, a seguir, questiona o que aconteceria se algum descendente de escravo atendesse alguém de sua família. O sacerdote exemplifica e

pergunta o que o compadre acharia de ter a filha confessada por um sacerdote negro ou o que pensaria se um professor negro repreendesse seus netos. Aluísio Azevedo demonstra quanto a hipocrisia e a discriminação estavam presentes no Maranhão do século XIX.

d) Em sua opinião, com que objetivo Aluísio Azevedo teria escolhido um sacerdote para ser o vilão de seu romance?

O romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo, faz uma severa denúncia em relação ao preconceito e à corrupção da sociedade maranhense oitocentista. A leitura da obra convida à reflexão sobre a discriminação racial e sobre a hipocrisia reinante em diferentes setores da sociedade. O Cônego Diogo, grande antagonista da história, representa uma instituição social de destaque – a Igreja – e um setor da sociedade – o clero – que, do ponto de vista do autor, não vinha cumprindo adequadamente com os preceitos básicos que deveriam praticar.

TEXTO 8 O CARMELITA

Fr. Ângelo levantou-se, arrancou o hábito com um gesto desesperado e pisou-o aos pés [...]

Quando dobrava o canto do pouso, o céu abriu-se e a terra incendiou-se com a luz de um relâmpago tão forte que o deslumbrou. Dois raios, descrevendo listras de fogo, tinham caído sobre a floresta e espalhado em torno um cheiro de enxofre que asfixiava.

O carmelita teve uma vertigem [...]; estremecendo ainda e pálido de terror, o réprobo levantou o braço como desafiando a cólera do céu, e soltou uma blasfêmia horrível:

– Podeis matar-me; mas, se me deixardes a vida, hei de ser rico e poderoso, contra a vontade do mundo inteiro!

Havia nestas palavras um quer que seja da sanha e raiva impotente de Satanás precipitado no abismo pela sentença irrevogável do Criador.

[...]

Este aventureiro chamou-se Loredano.

ALÊNCAR, José de. *O guarani*.
São Paulo: Saraiva, 2009. (Coleção Clássicos Saraiva).

II. LOREDANO: UM FRADE MALIGNO EM *O GUARANI*, DE JOSÉ DE ALÊNCAR

2. O fragmento acima reproduz um passo do romance romântico *O guarani*, de José de Alencar. A cena narra o surgimento de Loredano,

identidade falsa do sacerdote Frei Ângelo de Luca, que se tornará o vilão da história. Com base na leitura do excerto, responda:

a) Em que medida a descrição do espaço reforça o caráter maligno do personagem?

No momento em que o frade sai do abrigo onde se refugiara, a natureza reforça a personalidade tenebrosa do sacerdote. Dois raios fulminam a terra, e o céu apresenta-se impiedoso e terrível. O próprio frade fica momentaneamente aterrorizado diante da manifestação das forças da natureza. O cenário todo é envolvido por uma atmosfera de agressão e medo, em conformidade com o perfil maligno do religioso.

b) Que traços do frade carmelita o caracterizam como um personagem voltado para o mal?

O Frei Ângelo de Luca – que, posteriormente, adotará a identidade falsa do aventureiro Loredano – apresenta uma personalidade perversa e maligna, na medida em que não mede esforços para atingir seus objetivos. A hipocrisia também o caracteriza, na medida em que não observa coerentemente os valores religiosos que abraçou e mostra-se desejoso de poder e riqueza. Ao desafiar a cólera de Deus, o personagem se afasta definitivamente do caminho do bem.

c) Em que momento da cena ocorre a ruptura definitiva da aliança entre o sacerdote e Deus?

Inicialmente, Loredano rompe com a instituição religiosa cristã ao arrancar desesperadamente as vestes de sacerdote e pisoteá-las. Esse gesto projeta a vida sacerdotal do Frade Ângelo de Luca para o passado, na medida em que o personagem adotará uma nova identidade. Em seguida, ao desafiar a ira divina, Loredano rompe definitivamente a aliança com Deus e com os valores religiosos. A ambição fala mais alto e a blasfêmia por ele dirigida aos céus revela um desejo incontrolável de conquista de bens materiais. O narrador estabelece uma comparação com a raiva demonstrada por Satanás, o anjo caído, em relação a Deus.

d) De que modo a caracterização de Loredano se aproxima e/ou se afasta da apresentação de Cômego Diogo?

Ambos os sacerdotes não apresentam uma conduta de acordo com os valores oficialmente pregados pela religião cristã. Tanto Frei Ângelo de Luca quanto o Cômego Diogo valorizam excessivamente os bens materiais, em detrimento das virtudes espirituais. No entanto, enquanto Frei Ângelo de Luca rompe abertamente com a Igreja e com Deus, o Cômego Diogo não abre mão do estatuto privilegiado de sacerdote e mantém um comportamento hipócrita, dividido entre a carreira sacerdotal e a valorização dos bens mundanos.

A Clarinha desembaraçava-se dos afazeres domésticos, e vinha ter com ele, e então o Padre, deitado a fio comprido, e ela sentada na beira da rede passavam longas horas num abandono de si e num esquecimento do mundo, apenas entrecortado de raros monossílabos, como se se contentassem com o prazer de se sentirem viver um junto do outro, e de se amarem livremente à face daquela esplendorosa natureza, que num concerto harmonioso entoava um epitalâmio eterno.

[...]

A intensa claridade do dia excitava-os. O sol mordia-lhes o dorso, fazendo-lhes uma carícia quente que lhes redobrava o prazer buscado no extravagante requinte.

[...]

Esta ideia lhe dava um ciúme áspero da sua vida passada, avivando-lhe o zelo da reputação tão custosamente adquirida; e que agora se evaporaria como fumo tênue, pela indiscrição de um palerma, incapaz de conservar um segredo que tanto importava guardar.

[...]

A sua vida presente teria sido revelada aos paroquianos, acostumados a venerá-lo como a um santo e a admirar a rara virtude com que resistia a todas as tentações do demônio. [...] A rápida degradação dos sentimentos, que o rebaixara de confessor da fé à mesquinha condição de mancebo de uma mameluca bonita, fizera-lhe esquecer os deveres sagrados do sacerdócio, a fé jurada ao altar, a virtude de que tanto se orgulhava. Mas na luta de sentimentos pessoais e egoísticos que lhe moviam e determinavam a conduta, mais poderosas do que o apetite carnal, agora enfraquecido pelo gozo de três meses de volúpias ardentes, punham-se em campo a vaidade do Seminarista, honrado com os elogios do seu Bispo, e a ambição de glória e renome que essa mesma vaidade alimentava. [...] A mameluca era bela, admirável, provocadora, a presa fácil, não exigia o mínimo esforço. E agora que para ele o amor já não tinha o encanto do mistério, agora que sorvera longa e gostosamente o mel da taça tão ardentemente desejada, os sentidos satisfeitos cediam o passo a instintos mais elevados, posto que igualmente pessoais.

[...]

Ninguém acreditaria que um Padre devasso e preguiçoso pudesse sinceramente fazer-se confessor da Fé e mártir de Cristo, e se viesse a morrer naquelas aldeias, não celebrariam o seu nome como o de um missionário católico que a caridade levava a catequizar selvagens, mas todos atribuiriam a tentativa a uma curiosidade

torpe, se não vissem no passo uma mistificação nova, encobrindo a continuação da vida desregrada do sítio da Sapucaia.

SOUZA, Inglês de. *O missionário*.
São Paulo: Ática, 1992.

III. AS TENTAÇÕES DE UM MISSIONÁRIO EM INGLÊS DE SOUZA

3. O romance brasileiro *O missionário*, do escritor naturalista Inglês de Souza, apresenta os conflitos vividos pelo Pe. Antônio de Moraes, dividido entre os votos religiosos do sacerdócio e as tentações da vida terrena. Com base na leitura do fragmento acima, responda às questões abaixo:

a) É possível afirmar que a descrição naturalista do ambiente, apresentada no início do texto, reforça os traços sensuais do relacionamento de Clarinha e Pe. Antônio de Moraes?

Sim. Pe. Antônio de Moraes, missionário católico no interior do Brasil, envolve-se amorosamente com a jovem Clarinha, descrita pelo narrador como uma moça mameluca de beleza provocante. Os aspectos físicos e sensoriais são altamente explorados no início do texto. O casal de amantes encontra-se sentado idilicamente em uma rede, saboreando o prazer da união amorosa. O cenário natural que os envolve é propício para o relacionamento amoroso. A natureza estimula os sentidos dos personagens. De acordo com o narrador, a excitação física é intensificada pela claridade do dia, e o casal recebe as carícias dos raios de sol e sente a exacerbação do prazer.

b) Quais são as principais causas do conflito interior vivido pelo sacerdote?

O conflito espiritual do Pe. Antônio de Moraes está concentrado na divisão entre a vocação para o sacerdócio e os apelos do apetite carnal e da volúpia física. Os deveres religiosos, jurados solenemente, entram em conflito com a devassidão e a preguiça. A alma do missionário encontra-se dividida entre os vícios e as virtudes.

c) É possível afirmar que o conflito interior do Pe. Antônio de Moraes é apresentado segundo os moldes da prosa naturalista? Justifique sua resposta.

Sim. A contradição interna entre os sentimentos do sacerdote é apresentada por meio da exploração das sensações físicas que atormentam a alma do religioso. As tentações carnavais são explicitadas, e o leitor é capaz de visualizar a cisão interior do personagem. O sacerdote se sente culpado por ter se deixado levar pela impulsividade instintiva natural.

d) Que semelhanças e/ou diferenças podem ser verificadas entre as caracterizações do Pe. Antônio de Moraes e do Cônego Diogo? *Ambas as caracterizações apresentam sacerdotes com a vida religiosa dividida entre a matéria e o espírito. Aluísio Azevedo e Inglês de Souza problematizam, em suas obras, a corrupção do clero e das instituições religiosas. O Pe. Antônio de Moraes percebe que sua reputação de sacerdote encontra-se ameaçada por um segredo inconfessável – os paroquianos o consideravam um modelo de virtude, capaz de resistir aos apelos das tentações materiais da carne. A volúpia entra em conflito com a vaidade e a ambição do missionário – estas duas características estão igualmente presentes na configuração do Cônego Diogo. Os valores religiosos são colocados em segundo plano nas condutas de ambos os sacerdotes. Em O mulato, o Cônego Diogo não apenas se deixava levar pela vaidade e pela ambição, mas também mantinha relações amorosas – como se observa, por exemplo, no relacionamento mantido com dona Quitéria, esposa de José da Silva.*

TEXTO 10

Foi no domingo de Páscoa que se soube em Leiria que o pároco da Sé, José Miguéis, tinha morrido de madrugada com uma apoplexia. O pároco era um homem sanguíneo e nutrido, que passava entre o clero diocesano pelo *comilão dos comilões*. Contavam-se histórias singulares da sua voracidade. O Carlos da Botica – que o detestava – costumava dizer, sempre que o via sair depois da sesta, com a face afogueada de sangue, muito enfartado:

– Lá vai a jiboia esmoer. Um dia estoura!

Com efeito estourou, depois de uma ceia de peixe [...]. Nin-guém o lamentou, e foi pouca gente ao seu enterro. Em geral não era estimado. Era um aldeão; tinha os modos e os pulsos de um cavador, a voz rouca, cabelos nos ouvidos, palavras muito rudes.

Nunca fora querido das devotas; arrotava no confessional, e, tendo vivido sempre em freguesias da aldeia ou da serra, não compreendia certas sensibilidades requintadas da devoção: perdera por isso, logo ao princípio, quase todas as confessadas, que tinham passado para o polido padre Gusmão, tão cheio de *lábria*!

E quando as beatas, que lhe eram fiéis, lhe iam falar de escrúpulos de visões, José Miguéis escandalizava-as, rosnando:

– Ora histórias, santinha! Peça juízo a Deus! Mais miolo na bola!

As exagerações dos jejuns sobretudo irritavam-no:

– Coma-lhe e beba-lhe, costumava gritar, coma-lhe e beba-lhe, criatura!

Era *miguelista* – e os partidos liberais, as suas opiniões, os seus jornais enchiam-no duma cólera irracional:

– Cacete! cacete! — exclamava, meneando o seu enorme guarda-sol vermelho.

[...]

Dias depois do enterro apareceu, errando pela Praça, o cão do pároco, o *Joli*. A criada entrara com sezões no hospital; a casa fora fechada; o cão, abandonado, gemia a sua fome pelos portais. Era um gozo pequeno, extremamente gordo, que tinha vagas semelhanças com o pároco. Com o hábito das batinas, ávido dum dono, apenas via um padre punha-se a segui-lo, ganindo baixo. Mas nenhum queria o infeliz *Joli*; enxotavam-no com as ponteiras dos guarda-sóis; o cão, repellido como um pretendente, toda a noite uivava pelas ruas. Uma manhã apareceu morto ao pé da Misericórdia; a carroça do estrume levou-o e, como ninguém tornou a ver o cão, na Praça, o pároco José Miguéis foi definitivamente esquecido.

QUEIRÓS, Eça de. *O crime do padre Amaro*.
São Paulo: Círculo do Livro, 1974. p. 9-11.

IV. O ANTICLERICALISMO EM *O CRIME DO PADRE AMARO*, DE EÇA DE QUEIRÓS

310

4. O fragmento apresentado foi extraído do capítulo inicial do romance *O crime do padre Amaro*, do escritor português Eça de Queirós. Após ler o texto, responda às questões propostas a seguir:
a) De acordo com o texto, quais eram as principais características do falecido padre José Miguéis?

O falecido padre José Miguéis é descrito, de forma caricata, como um homem de excessos. O narrador destaca o vício da gula, afirmando que o padre era um comilão voraz, capaz de exaltar a bebida e a comida em detrimento da prática dos jejuns. O sacerdote morre de forma grotesca, logo após uma ceia farta.

b) Que elementos presentes no texto evidenciam uma crítica do autor às instituições religiosas?

*Eça de Queirós caracteriza o sacerdote sob o prisma da ironia anticlerical. O apego à vida terrena assinala a corrupção dos valores espirituais e religiosos. O início do romance *O crime do padre Amaro* prepara o leitor para a crítica ao clero que será desenvolvida no decorrer de toda a obra. O padre José Miguéis é descrito como um sacerdote glutão e rude, incapaz de compreender a devoção religiosa e as virtudes cristãs.*

c) Segundo o narrador, como era a relação entre o padre José Miguéis e os membros da paróquia?

José Miguéis não era querido pelos membros de sua paróquia. Poucas pessoas compareceram ao seu enterro. Em razão de seus modos grosseiros, era pouco estimado – segundo o narrador, o sacerdote arrotava no confessional, usava palavras grosseiras quando se referia aos adeptos do partido político liberal, não compreendia as sensibilidades delicadas e refinadas dos atos devocionais, depreciava as crenças dos fiéis e desprezava a prática dos jejuns. Após a morte do padre, seu cachorro – ironicamente comparado pelo narrador ao próprio sacerdote – acaba morrendo abandonado e, com o passar do tempo, as pessoas foram se esquecendo de José Miguéis.

d) Em que medida a caracterização de José Miguéis se aproxima e/ou se afasta da caracterização do Cônego Diogo?

Ambos os sacerdotes têm seus vícios escancarados pelos respectivos narradores dos romances. José Miguéis e o Cônego Diogo privilegiam os prazeres materiais em detrimento dos valores espirituais e religiosos. Os dois personagens possibilitam a crítica à corrupção das instituições religiosas por parte dos autores. No entanto, enquanto José Miguéis era pouco estimado pelos membros de sua paróquia, o Cônego Diogo gozava de boa reputação – sobretudo em casa do compadre Manuel –, apesar de sua conduta, ao fim e ao cabo, não ser diferente dos excessos cometidos explicitamente pelo personagem de Eça de Queirós.

311

PESQUISE E POSICIONE-SE

PROFESSOR, as questões a seguir têm como objetivo, apenas, sugerir encaminhamentos possíveis para o jovem leitor.

A leitura do romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo, possibilita a discussão em torno da temática do preconceito racial e das desigualdades sociais no Brasil. As questões a seguir têm como objetivo aprofundar a leitura e o entendimento da obra.

- As conjunturas sociais, econômicas e culturais do Brasil contemporâneo são influenciadas, de alguma forma, por aspectos característicos do antigo sistema escravista? Explique.
- É possível afirmar que ainda existe, no Brasil, preconceito e discriminação com pessoas pertencentes à etnia negra? Comente.
- O processo de miscigenação étnica é um componente relevante para a formação do povo brasileiro? Explique.
- Que mudanças foram observadas em relação à condição de vida dos negros no Brasil, após a abolição da escravatura?
- Que atitudes podem ser tomadas para combater o preconceito e a discriminação na sociedade brasileira contemporânea?

• A união de pessoas pertencentes a etnias diferentes ainda gera atitudes preconceituosas no Brasil atual? Em quais circunstâncias tais uniões tornam-se comumente alvo de críticas? Qual é a sua opinião a respeito deste assunto?

• O romance de Aluísio Azevedo problematiza a discriminação étnica e coloca em xeque a hipocrisia de uma sociedade e a corrupção de suas instituições. No Brasil atual, que setores da sociedade poderiam ser alvo de críticas por parte de um escritor como Aluísio Azevedo? Que problemas a sociedade brasileira atualmente mascara? Que grupos são prioritariamente vitimados pelas diferenças sociais e por atitudes discriminatórias?

• Em *O mulato*, o fato de Raimundo haver estudado na Europa e recebido uma boa educação pode ser considerado uma exceção ao destino habitual dos descendentes de escravos no Brasil oitocentista. A polêmica em torno das cotas para estudantes afrodescendentes, no Brasil atual, assinala uma permanência das dificuldades de acesso da população negra à escolaridade? Justifique sua resposta.

• Sob o seu ponto de vista, que direitos devem ser assegurados às pessoas para que possam viver livremente e com dignidade? Esses direitos são respeitados no Brasil contemporâneo? Justifique.